



ANÁLISE DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO INTITULADO 'EXPOSIÇÃO ITINERANTE: A FORMAÇÃO DA MEMÓRIA E DA IDENTIDADE DO TELEMÁCORBENSE' SOB A LUZ DOS CONCEITOS DE GASTON BACHELARD

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3351

Thiago de Paula, UFPR

Resumo

O presente trabalho discorre sobre a constituição da memória e da identidade dos moradores de Telêmaco Borba – PR, município interiorano que teve seu início umbilicalmente conectado com a construção da maior fábrica de celulose e papel da América Latina, a Klabin SA. A identidade dos moradores, assim como a memória que guardam de si mesmos, está também conectada à indústria ali presente, situação que oferece amplo campo para a pesquisa historiográfica. O trabalho apresenta como produto final uma proposta de exposição itinerante nas escolas municipais de Telêmaco Borba-PR, com painéis contendo fotografias históricas e texto apresentando elementos que remetem aos operários que trabalharam na construção da fábrica e do município, o que contrasta com a história oficial existente que privilegiou a perspectiva da elite industrial, detentora dos meios de produção e de comunicação locais. O relatório oferece discussão teórico-metodológica que contempla conceitos como memória, lugares de memória e noções acerca da formação da memória coletiva presentes nos autores: Lúcia Lippi Oliveira, Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Pierre Nora; Além disso, o relatório permite o confronto de obras que contam as Histórias de Telêmaco Borba contra produções de historiadores locais de formação e seus métodos de pesquisa, assim como oferece novas perspectivas e abordagens sobre os registros mais antigos do município e uma discussão crítica sobre a escrita de sua história, que apresenta o munícipe como um trabalhador industrial, a indústria como figura patriarcal e o município como filho da indústria.

Palavras Chave:

Telêmaco Borba;
Memória coletiva;
Lugares de memória;
Identidade.

Introdução

O processo de pesquisa para a produção de um texto de Trabalho de Conclusão de Curso leva o pesquisador a se deparar com todo o material produzido *no* passado e *sobre* o passado de seu objeto de pesquisa. É essencial que haja um esforço por parte do historiador no que se refere à contextualização desse material encontrado. Se for um vídeo, o historiador deve observar quem o gravou, em que momento o gravou, por quais motivos gravou, entre outras questões. Se for um texto, ou uma manchete de jornal ocorre o mesmo; O historiador não deve tomar as informações como simples registro cristalizado dos fatos sem antes confrontá-la com outros textos e perspectivas, para então reunir o máximo de fragmentos do passado para oferecer, não uma verdade, mas uma possibilidade de interpretação do passado e a possibilidade de pensá-lo como uma construção desses fragmentos.

O presente artigo é, na verdade, uma reflexão acerca de algumas questões que surgiram durante o processo de produção do meu Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *'Exposição itinerante: A formação da memória e da identidade do telemacoborbense'*. No decorrer da pesquisa, me deparei com textos que retratavam a História do município de Telêmaco Borba escritos por não historiadores. Esses textos foram de essencial ajuda para a pesquisa, pois são, de fato, trabalhos minuciosos de pesquisa e, muitas vezes, oferecerem informações de fontes, entrevistas, registros fotográficos entre muitos outros. Além dessas questões é necessário observar que esses pesquisadores não-historiadores produzem seus textos utilizando uma metodologia passível da crítica historiográfica, o que oferece amplo campo de debate e pesquisa para o Historiador de formação.

Neste texto discuto, utilizando dos conceitos de Gaston Bachelard, a questão metodológica das pesquisas realizadas sobre a História de Telêmaco Borba além do confronto que provoço entre textos de pesquisadores não-historiadores e de historiadores de formação, o que possibilita uma discussão além da História Nova ou da metodologia de uma historiografia nova em relação àquela positivista com raízes nos séculos XVIII e XIX, proposta pelos Annales. Uma discussão para se pensar a própria ciência.

As diversas Histórias do município de Telêmaco Borba.

Ao iniciar esse texto, o primeiro problema ao qual me deparei foi definir um ponto de partida. O objetivo já estava posto: Realizar uma autoanálise do trabalho de conclusão de curso, feito por mim e orientado sob o experiente olhar do Dr. Antônio Cesar de Almeida, professor do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná (UFPR). O trabalho de título *"Exposição itinerante: A formação da memória e da identidade do telemacoborbense"* foi apresentado ao final do ano letivo de 2016.

Relembrando o processo de realização do trabalho citado, me veio a ideia de começar o presente texto justamente daí, os problemas aos quais me deparei para fazê-lo.

Minha curiosidade por Telêmaco Borba, meu município de nascimento, sempre foi muito expressiva. Sempre questionando os familiares e amigos mais velhos sobre nossos ancestrais e sobre o começo daquele município, localizado às margens do Rio Tibagi, nos Campos Gerais, Paraná. Seu início, diziam os mais velhos repetidamente, era causa da construção da maior fábrica de papel da América do Sul, a Klabin do Paraná. A fábrica, construída entre 1937 e 1945, era

1

<http://www.humanas.ufpr.br/portal/historia/gra>

[duacaomonografiacurso_noturno_2016-2- semestre/](#) (último acesso em 20/06/2017)

propriedade de uma família de paulistas, mas com origem na Lituânia, os Klabin. Sua edificação possibilitou a produção de papel imprensa, qualidade de papel que, no contexto do qual estamos falando, era 100% importado de outros países.² Tais mudanças não vieram sozinhas. A região onde foi construída a fábrica de papel Klabin do Paraná (a partir daqui utilizarei somente KP para me referir à fábrica) era um enorme latifúndio que compreendia grande parte dos Campos Gerais. A Fazenda Monte Alegre.

O imaginário popular que se têm do início do município de Telêmaco Borba remete a uma formação de pequena comunidade de operários industriais, estabelecidos ali com suas famílias em função de seus ofícios na construção e no funcionamento da fábrica, diversos funcionários estrangeiros, contratados pela KP e a presença de pessoas em busca de melhores condições de vida e de emprego, obviamente também na KP. As lembranças dos mais velhos me direcionavam à construção da fábrica, onde as mulheres, quando não cuidavam do lar, eram funcionárias administrativas, professoras ou trabalhavam no processo de plantio e corte de Araucárias³ e os homens trabalhavam na construção de estradas, da própria fábrica, como motoristas ou operários entre outros diversos ofícios.⁴

Ao me deparar com obras produzidas sobre Telêmaco Borba percebi primeiro um número pequeno de trabalhos. Entre as obras que abordavam a História do município, encontrei apenas as seguintes: *Monte Alegre: Cidade Papel*, de

Hellê Vellozo Fernandes (1974). Foi a primeira obra produzida sobre a construção da fábrica e o surgimento do município, então denominado Cidade Nova. Essa obra foi editada pela própria KP e a autora era funcionária da empresa. Hellê Vellozo Fernandes era jornalista de formação e atuava tanto nas áreas administrativas da fábrica, como em publicações para mídias locais, como o jornal O Tibagi, periódico de propriedade de Horácio Klabin, que era também diretor da fábrica. Para seguir uma ordem cronológica, a próxima obra é: *Capital do papel: A História do município de Telêmaco Borba* (2003), de André Miguel Coraiola, advogado atuante no município até os dias atuais. Finalmente: *Telêmaco Borba, o município: História política da capital do papel e da madeira* (2006), de Dinizar Ribas de Carvalho, também advogado que atuou no município.

À primeira vista os textos já trazem algo em comum. Todos eles se referem ao município de Telêmaco Borba como a capital, ou do papel, ou da madeira. Informação que confirma os laços umbilicais entre a indústria papelreira e o município em questão. Ao penetrar nos livros supracitados, a leitura também me levou a perceber outra semelhança entre eles. O município sempre apresentado como o resultado do espírito empreendedor, jovial e determinado de um gênio: Horácio Klabin.

Nesse sentido, procurei, em meu Trabalho de Conclusão de Curso, estudar mais profundamente a imagem que esse personagem, Horácio Klabin, havia construído de si mesmo e o reflexo dessa

² PAULA, Thiago de. **Exposição itinerante: A formação da memória e da identidade do telemacoborbense**. 2016. Paraná. Universidade Federal do Paraná. P.13.

³ No contexto das primeiras décadas de funcionamento da KP, a celulose utilizada para fabricar papel imprensa era feita na própria fábrica utilizando da madeira de Araucárias, ou como conhecida na época da construção da KP: O Pinheiro do Paraná. Essa característica alavancava a KP a um patamar de fábrica

integrada, ou seja, que produzia tanto a celulose quanto o papel. Esse processo foi alterado, a KP passou a utilizar *Pinus Elliottii* para produzir papelão e finalmente, nos dias atuais, utiliza Eucalipto transgênico para produzir papel com revestimento tipo Kraft, utilizado em embalagens de leite e sucos, entre outros.

⁴ FERNANDES, Hellê Vellozo. **Monte Alegre cidade-papel**. Paraná. Klabin do Paraná. 1974. Paraná. Klabin do Paraná.

imagem na comunidade do município. Não somente nos textos das diversas Histórias de Telêmaco Borba, a afirmação de que Horácio Klabin havia fundado o município pôde ser notada no primeiro e principal periódico do município, o jornal O Tibagi.⁵ Há que se notar que tanto o jornal O Tibagi, como a primeira rádio do município, a Rádio Monte Alegre, eram de propriedades privadas de Horácio Klabin. Além disso, procurei observar também a nomeação dos logradouros públicos. A principal avenida leva o nome Horácio Klabin, assim como o estádio de futebol e a praça central do município. Outros logradouros diversos levam o nome de demais membros da família Klabin, como o Colégio Estadual Wolff Klabin. Em meu trabalho, portanto, foi possível verificar um processo de ‘heroicização’ dos membros da família Klabin, em especial Horácio Klabin, por meio de nomeações de logradouros públicos, publicações de livros e também da circulação de informações nos principais meios de comunicação, o jornal e a rádio.

Em outro momento, me deparei com textos produzidos após 2010 por historiadores de formação. Entre eles, o projeto pedagógico de José Reinaldo Carneiro intitulado “O jornal O Tibagi como instrumento político no período de 1964 a 1985”, o texto de Juliana de Oliveira Teixeira intitulado “Revisitando a chaminé: História oral e memórias operárias de Telêmaco Borba” e “Para além do papel: Memória e identidade do cidadão telemacoborbense pelas páginas de O Tibagi” de Ana Flávia Braun Vieira e Miguel Archanjo de Freitas Junior.

Essas produções mais recentes diferem dos textos mencionados anteriormente na abordagem dos objetos de estudo. De maneira geral os textos produzidos recentemente por esses

historiadores percebem não somente a atuação do capital como edificador do município em função da fábrica, mas, além disso, apresentam outras perspectivas, como a dos operários. Se antes o comum era apresentar Horácio Klabin como criador da fábrica e do município, agora é possível perceber o centro do problema como uma análise estrutural da sociedade, mais complexa e que apresenta diversas tensões, como luta de classes, greves, formação de comunidades ribeirinhas e uma atuação por parte da elite industrial em construir de fato uma memória coletiva baseada nos feitos dessa mesma elite.

Todos os contrastes mencionados até o momento me fizeram pensar a possibilidade de uma autoanálise sob a luz dos textos de Gaston Luís Pierre Bachelard, “Crítica preliminar do conceito de fronteira epistemológica”⁶ e dos conceitos presentes em “Formação do espírito científico”, onde Bachelard ocupa-se em explicar o espírito pré-científico e a formação do espírito científico com base na transposição de obstáculos epistemológicos. Dentre os obstáculos estão: A experiência primeira, o conhecimento geral e até mesmo a vaidade intelectual do cientista⁷. Discorrendo através de diversos exemplos, Bachelard apresenta uma vasta visão de como as diversas ciências se movem, deslocando suas fronteiras constantemente e apresentando, sempre, novas questões. O fazer da ciência pode ser compreendido como uma tomada de posição, que desloca a fronteira para um novo problema.

O campo da História pode ser pensado dessa maneira. Em meu Trabalho de Conclusão de Curso foi possível conflitar obras de não-historiadores, cujos textos apresentam o município sob um

⁵ PAULA, Thiago de. **Exposição itinerante: A formação da memória e da identidade do telemacoborbense**. 2016. Paraná. Universidade Federal do Paraná. P.21.

⁶ BACHELARD, Gaston. **Crítica preliminar do conceito de fronteira epistemológica**. In: **Estudos**. 2008. Rio de Janeiro. Contraponto.

⁷ BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**. 1996. Rio de Janeiro. Contraponto.

olhar elitista, com textos de historiadores, cujos textos apresentam tensões de classe e a presença de silêncios na História do município, como por exemplo, com relação aos operários ou às comunidades ribeirinhas marginais à fábrica. Se adaptarmos essas questões às análises de Bachelard sobre o deslocar das fronteiras da ciência, podemos dizer que os primeiros textos reafirmavam a memória coletiva construída no município, onde os industriais foram os responsáveis pela edificação de um município, e não somente isso, esses textos foram peças importantes na construção dessa memória dominante. Os textos dos historiadores apresentaram questões metodológicas e problemas mais profundos, ou seja, deslocaram a fronteira que delimitava o conhecimento historiográfico sobre Telêmaco Borba a um novo patamar, com novas questões. Mas esse processo de desconstrução e construção não é uma simples luta ideológica ou política. É, primeiramente, uma mudança metodológica. Além disso, as posições tomadas pelos historiadores foram embasadas em muito do que já existia.

Podemos entender esse processo como a formação de uma nova historiografia regional, metodologicamente diferente das antigas posições. O que pode ser comparado à lógica perpétua da ciência, como colocado por Bachelard, onde se assume uma postura diante do que já foi falado e, num processo de desconstrução, é tomada uma nova posição.

Ora, para o espírito científico, traçar nitidamente uma fronteira já equivale a ultrapassá-la. A fronteira científica não é só limite: é uma zona de ideias particularmente ativas, um domínio de assimilação.⁸

Pensando o campo da História,

poderíamos dizer que a especificidade dessa ciência, se é que exista alguma, reside justamente nessa disputa pela construção da própria História. Mais que isso, a construção da História, assim como em outras disciplinas científicas, envolve a reunião de conhecimento já estabelecido, a refutação dos conceitos já existentes (preconceitos), a tomada de uma nova posição e o estabelecimento de novas questões num processo de constante desconstrução e reconstrução. Essa lógica pode ser sintetizada por um pensamento de Bachelard: “*O homem movido pelo espírito científico deseja saber, mas para, imediatamente, melhor questionar*”.

Nesse sentido, não seria adequado tentar traçar uma linha divisória entre dois tipos de pensamentos divergentes, mas sim uma alteração na estrutura metodológica utilizada, que só foi possível tendo como ponto de partida as ideias já colocadas como paradigmas.⁹ O método mais recente refutou o método mais antigo, mas numa dinâmica de assimilação e de continuidade.

Conclusão

Ao realizar meu trabalho de conclusão de curso para o curso de História, Memória e Imagem, ofertado pela Universidade Federal do Paraná, observei algumas questões que se tornaram mais interessantes, ou pertinentes, no decorrer das aulas do curso de Tópicos Especiais de História da Ciência, ofertado pelo Professor Doutor Rafael Faraco Benthien. Questões tais como: A construção da História de determinado local, ou coisa, seria uma constante disputa política? O que separa historiadores de formação de outros profissionais oriundos de diversas áreas do saber que experimentam produzir um livro de “História”? Um tem mais

⁸ BACHELARD, Gaston. **Crítica preliminar do conceito de fronteira epistemológica.** In: **Estudos.** 2008. Rio de Janeiro. Contraponto. P. 71.

⁹ KUHN, Thomas. **A prioridade dos paradigmas.** In: **A estrutura das revoluções científicas.** 1996. São Paulo. Perspectiva.

prestígio que outro?

Essas questões puderam ser pensadas sob a luz dos textos de Gaston Bachelard: *A formação do espírito científico* e o capítulo intitulado *Crítica preliminar do conceito de fronteira epistemológica*, presente no livro *Estudos*. Através desses dois textos em especial, mas também de outros que lemos durante o curso, alguns conceitos me foram úteis para discorrer sobre as questões colocadas.

A construção da História de fato se apresenta como uma disputa política, como observamos, mas não se resume a isso. Há que se perceber a produção de conhecimento como um processo de assimilação, onde se parte de um ponto de partida já estabelecido, um paradigma, para então responder aos problemas existentes. Esse processo pode ser entendido pelo conceito de fronteira trazido por Bachelard. A fronteira do conhecimento se desloca para uma nova posição, que será seu novo centro, com novos problemas.

Por muito tempo as histórias que traziam a perspectiva das elites industriais do município foram tidas como verdadeiras. Mas novas questões surgiram assim como novos objetos de pesquisa,

que oferecem uma perspectiva diferente da dos antigos, apresentando como central o papel exercido por trabalhadores operários e evidenciando o monopólio da informação por parte das elites industriais, antes tidas como heróicas.

Tal dinâmica demonstra perfeitamente o movimento da ciência e o processo de produção de conhecimento. Partindo de um paradigma, movendo a fronteira do conhecimento e criando novas questões para serem superadas.

Referências

- BACHELARD, Gaston. **Crítica preliminar do conceito de fronteira epistemológica. In: Estudos**. 2008. Rio de Janeiro. Contraponto.
- BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**. 1996. Rio de Janeiro. Contraponto.
- FERNANDES, Hellê Vellozo. **Monte Alegre cidade-papel**. Paraná. Klabin do Paraná. 1974. Paraná. Klabin do Paraná.
- KUHN, Thomas. **A prioridade dos paradigmas. In: A estrutura das revoluções científicas**. 1996. São Paulo. Perspectiva.
- PAULA, Thiago de. **Exposição itinerante: A formação da memória e da identidade do telemacoborbense**. 2016. Paraná. Universidade Federal do Paraná.